

REVISÃO BIBLIOGRÁFICA: BEM-ESTAR DE ANIMAIS DE COMPANHIA

THOMÉ, Jamilli Pelegrefi.¹
FERNANDEZ, Luana Picagevicz.²
LIMA, Júlia Eduarda Teixeira.³
COPATTI, Bruna Caroline.⁴
GNOATTO, Ana Paula Ascari.⁵

RESUMO

O conceito de bem-estar trata-se do estado do indivíduo que pode variar de bom a ruim, muitas vezes relacionada ao manejo ou a um período breve de condições físicas adversas. Sendo necessário respeitar as cinco liberdades animais. Há casos de animais de companhia, que obtiveram declínio no quadro, e aparecimento de outras doenças ao serem submetidos a longos períodos de estresse, associados aos atendimentos e internamentos com outros animais. O bem-estar em animais de companhia passa pela responsabilidade e compromissos do tutor e membros da família. Cabe aos tutores à responsabilidade de mantê-los livres de qualquer sensação de desconforto.

PALAVRAS-CHAVE: estresse, desconforto, saúde.

1. INTRODUÇÃO

Bem-estar animal tem algumas definições, é um estado, uma ciência, um conceito, criado pelo que o professor Donald Broom em 1986, considerado o pai do bem-estar animal o fundador da ciência; foi o primeiro Professor a lecionar sobre; que visa o emocional e físico de um indivíduo em relação às suas tentativas de se adaptar ao meio em que vive, e como ele está se sentindo em relação, cada característica de cada indivíduo relacionada com o quão bem ele está vivendo, não se avalia necessariamente somente o ambiente, precisa avaliar o indivíduo naquele ambiente.

2. CONCEITO DE BEM-ESTAR ANIMAL

¹Estudante Universitário do Segundo Período Noturno de Medicina Veterinária do Centro Universitário FAG. E-mail: jamilli.p.thome@gmail.com

²Estudante Universitário do Segundo Período Noturno de Medicina Veterinária do Centro Universitário FAG. E-mail: luhfernandez26@hotmail.com

³Estudante Universitário do Segundo Período Noturno de Medicina Veterinária do Centro Universitário FAG. E-mail: juliaeduardalima88@gmail.com

⁴Estudante Universitário do Segundo Período Noturno de Medicina Veterinária do Centro Universitário FAG. E-mail: brunacopatti123@gmail.com

⁵Professora do Curso de Medicina Veterinária do Centro Universitário FAG. E-mail: paulagnoatto@gmail.com

O conceito de bem-estar trata-se do estado do indivíduo que pode variar de bom a ruim, muitas vezes relacionada ao manejo ou a um período breve de condições físicas adversas. Alguns sinais de bem-estar precário são evidenciados por mensurações fisiológicas. Por exemplo, o aumento de frequência cardíaca, os resultados dessas mensurações devem ser interpretados com cuidado, pois o impedimento da função do sistema imune, assim como algumas outras alterações fisiológicas, podem indicar estado pré-patológico. (BROOM e MOLENTO, 2004).

O comportamento do animal tem igualmente um grande valor na avaliação do bem-estar, o fato de um animal evitar ou esquivar-se fortemente de um objeto ou evento fornece informações sobre seus sentimentos e, em consequência, sobre seu bem-estar. Um indivíduo que se encontra impossibilitado de adotar uma postura preferida de repouso, apesar de repetidas tentativas, será considerado como tendo um bem-estar mais pobre que outro cuja situação permite a adoção da postura preferida. Comportamentos anormais, tais como estereotípias, automutilação, canibalismo em suínos, bicar de penas em aves ou comportamento excessivamente agressivo indicam que o indivíduo em questão se encontra em condições de baixo grau de bem-estar. Doença, ferimento, dificuldades de movimento e anormalidades de crescimento são todos indicativos de baixo grau de bem-estar. (BROOM e MOLENTO, 2004).

Os animais têm necessidades de recursos em particular, como água ou calor, entretanto, os sistemas de controle nos animais evoluíram de tal forma que o modo de obtenção de um objetivo específico tornou-se importante. Como os gatos que para marcar o ambiente costumam arranhar superfícies, por isso é importante enriquecer o ambiente deles com arranhadores. Entreter se torna algo importante também, pois são animais que gostam de caçar, colocar alimentos na prateleira é uma ótima opção para assim passar o tempo e deixá-los colocar os instintos em ação. (BROOM e MOLENTO, 2004).

Uma pesquisa revelou que o bem-estar adequado para um animal doméstico, é relacionado à condição corporal, a índole e o estado de tranquilidade satisfatória. De outro modo, aquele que possui um bem-estar adequado seria um animal com condição corporal ideal, manso e tranquilo. Para caracterização do bem-estar pobre bastava que o animal apresentasse condição corporal inapropriada ou fosse agressivo. Provando que a relação homem e animal é muito importante, pois um animal que vive entre pessoas que lhe proporcionam saúde física e mental vivera de uma forma mais agradável e um bem-estar maior. (FERREIRA e SAMPAIO, 2010).

3. CINCO LIBERDADES DO BEM-ESTAR ANIMAL

A valorização do bem-estar animal (BEA) passa por uma transformação central para atender a demanda de conhecimentos e atuações específicos, por isto devem entender suas bases conceituais e suas principais aplicações, o bem-estar deve ser definido com relação em outros conceitos, os quais destacam as necessidades, liberdades, felicidade, adaptação, controle, capacidade de previsão, sentimentos, sofrimento, dor, ansiedade, medo, tédio, estresse e a saúde, os animais são seres que tem capacidade de sentir as emoções tanto positivas como negativas, como medo, prazer, alegria, angústia, entre outros (AMERICO, 2017).

Para Americo (2017), devem ser respeitadas cinco liberdades para que o animal esteja com seu bem-estar assegurado, as quais são:

- Todos os animais deveriam estar livres de fome e sede;
- Livres de desconforto;
- Livres de dor, lesão ou doenças;
- Livres para expressar o comportamento natural da espécie;
- Livres de medo e estresse.

Estas cinco liberdades são utilizadas para avaliar o quão perto ou longe as práticas que envolvem animais estariam para atingir os padrões satisfatórios ou o mais alto grau do bem-estar. Mas, para isto os profissionais que trabalham com estes animais passam por três desafios ligados ao bem-estar animal, como o reconhecimento que a evolução social alterou as relações entre os seres humanos e os animais, manter-se informado sobre o que a ciência vem propondo para justificar determinados comportamentos dos animais e aprimorar as formas de mensurar o grau de BEA (AMERICO, 2017).

4. INDICADORES FISIOLÓGICOS DE ESTRESSE

Há estudos que relatam casos de animais de companhia, que obtiveram declínio no quadro e aparecimento de outras doenças ao serem submetidos a longos períodos de estresse, associados aos atendimentos e internamentos com outros animais. Sendo citados principalmente os felinos, por apresentarem maior sensibilidade as mudanças de ambientes (FREITAS *et al.*, 2020). Onde animais que sofrem com o estresse de forma crônica apresentam maiores predisposições a desenvolverem

distúrbios gastrointestinais, cardíacos, doenças virais, bacterianas e parasitárias (FERNANDES, 2020).

O estresse é um processo neuro-hormonal, processado pelo hipotálamo, onde ativa o sistema nervoso autônomo simpático e o eixo simpático adrenomedular, iniciando o eixo hipotálamo-pituitária- adrenal (HPA) (ACCO *et al.*, 1999; JERICÓ *et al.*, 2015; LITTLE, 2016 apud. FREITAS *et al.*, 2020).

Com ativação do sistema nervoso autônomo, o animal entra em estado de alerta, caracterizando os sinais de estresse, sendo possível observar, aumento das secreções de glândulas exócrina, vasoconstrição periférica, glicogenólise e gliconeogênese, dilatação da pupila (ACCO *et al.*, 1999; JERICÓ *et al.*, 2015; LITTLE, 2016; ORSINI; BONDAN, 2006 apud FREITAS *et al.*, 2020), aumento na frequência e força das contrações cardíacas, aumento na frequência respiratória, e temperatura retal (MCEWEN; GIANAROS, 2010 apud. FERNANDES, 2020), além de influenciar no desempenho olfatório dos cães (MACHADO, 2013 apud. FERNANDES, 2020).

Outro método bastante utilizado em estudos de bem-estar animal, em que é possível determinar o nível de estresse, é através da medição do nível de cortisol presente no animal (FERNANDES, 2020).

São várias as formas que se pode realizar a coleta para determinar o nível de cortisol, podendo ser pela saliva, pelo sangue, onde este é considerado mais invasivo, através das fezes e da urina (BENNETT; HAYSEN, 2010 apud. FERNANDES, 2020)

Há um estudo realizado com 17 cães da Força Militar Italiana Guardia di Finanza, em que os animais foram submetidos a uma simulação de avalanche, onde os mesmos, seguiram todos os processos que seriam efetuados em uma situação real, tanto do transporte por meio de helicóptero, até buscas por possíveis pessoas soterradas. Este estudo visava determinar o nível estresse, por meio do nível de cortisol. Os resultados obtidos foram altos níveis de estresse tanto no processo de salvamento, quando no transporte até o encontro das vítimas (DIVERIO *et al.*, 2016, apud. FERNANDES, 2020).

5. INDICADORES COMPORTAMENTAIS DE ESTRESSE

Situações de estresse e medo fazem parte da vida de todos os animais, e as reações fisiológicas, provocadas por elas, são essenciais para sobrevivência no meio selvagem, mas também na vida

urbana, para aqueles animais que foram domesticados, acompanhando o homem em sua caminhada de vida em sociedade. A espécie canina foi a que mais se envolveu com o homem, tornando-se um animal doméstico e dependente de cuidados, sendo alvo de problemas sociais, ambientais e de saúde pública, quando abandonados, ou em vida livre pelas cidades e comunidades. Essa relação, criada ao longo dos tempos entre os animais de companhia e o homem, trouxe para os dias atuais, um vínculo afetivo de ambas as espécies, modificando e até selecionando através das raças, o comportamento, acentuando características que podem estar influenciando a forma de cães e gatos ao lidarem com as situações de estresse e medo no cotidiano (SOUZA, 2015).

O estresse como mecanismo de adaptação a situações adversas é extremamente importante na manutenção da vida, pois, sem esse mecanismo, qualquer situação desfavorável poderia causar morte imediata, sendo a capacidade de responder, rapidamente, a uma situação de perigo, uma importante característica da evolução dos seres. Mais especificamente, em situações de estresse o organismo de um indivíduo redistribui sua energia e, o sistema locomotor e sensorial são priorizados em detrimento de outros (reprodutivo, digestivo e imune), fazendo, assim, com que a resposta momentânea seja eficiente. O problema começa, quando há a persistência destas situações, e ou dessas respostas, causando prejuízo aos sistemas deprimidos (SOUZA, 2015).

A influência desses estímulos tem demonstrado importância clínica, já que leva diversas espécies a sofrerem alterações e possíveis evoluções ao nível de graves distúrbios comportamentais e fisiológicos, como a fobia. Ela é descrita como um medo acentuado, irracional, persistente e excessivo, claramente discernível de objetos, seres, lugares ou situações, de forma desproporcional e exagerada, acompanhada de comportamento de fuga, esquiva, antecipação e intenso sofrimento (SOUZA, 2015).

Faz-se necessário citar como exemplo, o estresse em pet shops, onde pode ocorrer falta de manejo adequado dos colaboradores e/ou falta de familiaridade dos cães e gatos. A partir do transporte, entre a saída do animal de sua residência até a chegada ao pet shop se torna um evento potencialmente estressante. Visto que, no transporte o animal experimenta a ansiedade de não saber para onde está indo. O percurso, mesmo que curto, pode apresentar curvas, situações adversas que geram impacto nas caixas de transporte alocadas nas carrocerias dos veículos e mesmo que em temperatura média diária correspondente a zona de conforto do animal, o fato de as caixas de transporte ficarem expostas ao sol e consequentemente ao calor contribui para que o animal chegue ofegante ao seu destino. Avaliações etológicas durante a higienização demonstram que na chegada

ao pet shop alguns comportamentos foram mais presentes, como: orelhas abaixadas, cauda entre as pernas e postura amedrontada, que demonstram o estresse e desconforto dos animais. Estes comportamentos normalmente são constatados na chegada a ambientes desconhecidos e além de acarretar alterações comportamentais, também influenciam nas funções fisiológicas (FERREIRA, 2020).

No processo de higienização ocorre o contato direto dos animais com os banhistas e secadores. Quando há pouca familiaridade com a água do banho e barulho provindo do soprador associado à pressão do jato de ar, as estimulações podem causar alterações significativas, como comportamentos posturais expressados pela maioria das espécies no momento da espera na gaiola. Em resposta a movimentação dos colaboradores no ambiente, por se tratar de uma aproximação de pessoas estranhas, os animais desenvolvem a visão de ameaça, aumentando os sinais de incômodo, como a lambertura do plano nasal. Além disso, os animais que não estão acostumados com o manejo de higienização em pet shop e ao ambiente com ruídos diversos, desenvolvem fatores estressantes podendo induzir reações como vocalizações de choros e às vezes com latidos. Outro sinal de estresse é o bocejo constante sem sonolência ou esforço físico aparente. A espera do procedimento, por restringir o espaço e submetê-los a ficarem ao lado de animais desconhecidos, pode influenciar no aparecimento desse comportamento (FERREIRA, 2020).

Em resumo os comportamentos mais observados em primeiro momento são: Respiração ofegante, orelhas abaixadas, cauda entre as pernas, postura amedrontada e bocejo sem motivo aparente. Ao iniciar o procedimento e prosseguir com a secagem é observado uma intensa movimentação, agressividade, hiperatividade, vocalizações excessivas, desvio de olhares e tremores como forma de liberação da tensão cognitiva que o novo ambiente desencadeou. Fora deste contexto, em outras situações de estresse, também pode ser observado: urina e coceira excessiva, desvio de comportamentos rotineiros, receio de objetos de uso contínuo (caixa de areia, no caso dos gatos), alergias e doenças de pele, problemas com sistema digestivo e urinário, queda excessiva de pelo e falta e/ou diminuição considerável de apetite (FERREIRA, 2020).

6. PONTOS CRÍTICOS DO BEM-ESTAR DOS ANIMAIS DE COMPANHIA

O bem-estar em animais de companhia passa pela responsabilidade e compromissos do tutor e membros da família. É necessário prover ao animal todas as condições para que possa expressar suas

características fisiológicas, mentais e sociais. Assim a relação homem-animal consolida-se de forma harmoniosa para ambos. (MENDONÇA, 2019).

Possuir um animal de estimação é um privilégio que deve resultar em um relacionamento mutuamente benéfico; significa um comprometimento durante toda a vida do animal (AVMA, 2012 apud. MENDONÇA, 2019). Essa relação deve ser motivada principalmente por comportamentos que são essenciais para saúde e bem-estar físico, emocional e psicológico de ambos, visto que cães e gatos estabelecem fortes vínculos emocionais para com os humanos (FARACO, 2008 apud. MENDONÇA, 2019). Uma criação inadequada causa alterações nos padrões de bem-estar dos animais, possibilidades na transmissão de doenças, ocorrência de acidentes e contaminação ambiental (LIMA; LUNA, 2012 apud. MENDONÇA, 2019).

O segredo de uma relação bem-sucedida com cães e gatos começa com o planejamento para aquisição do animal. Diversos fatores precisam ser levados em consideração na escolha de um cão ou um gato. Deve-se observar vários aspectos, como:

- 1) O objetivo da criação;
- 2) A existência de um espaço adequado conforme o porte e as necessidades do animal;
- 3) O tempo médio de vida do animal;
- 4) Se as finanças do proprietário são condizentes com os custos de criação e cuidados específicos da espécie e raça escolhida;
- 5) O tempo que o proprietário terá disponível para a atenção com o animal;
- 6) Se a rotina e o ritmo de vida são propícios a criação adequado do animal;
- 7) Se todos os membros da família ou residentes do mesmo imóvel concordam e aceitam a presença do animal (MARQUES JUNIOR *et al.*, 2012; MAPA, 2017 apud. MENDONÇA, 2019).

Visto que, assim como os humanos, os animais possuem necessidades básicas de sobrevivência e diversos aspectos de cuidado geral são necessários para garantir o bem-estar durante toda a vida do cão ou do gato, estes incluem cuidados de rotina como: vacinação e imunização, prevenindo riscos de transmissão de doenças; controle parasitário, higiene, alimentação, passeio e socialização, segurança e conforto, periódico acompanhamento veterinário e todos os possíveis riscos que possam vir a atingir tanto o animal, como a própria sociedade (SANTANA; OLIVEIRA, 2006 apud MENDONÇA, 2019).

O bem-estar proporcionado pela qualidade de vida dos animais está intimamente relacionado à sua higiene. Para manter uma boa sanidade e diminuir os riscos de estresse térmico é ideal dar

banhos periódicos nos animais. A frequência será definida de acordo com a estação do ano ou se o animal estiver fazendo algum tratamento para doença de pele. Dar banho todos os dias poderá ser prejudicial à saúde do animal. Deve-se usar produtos específicos para cada espécie e sempre proteger os olhos e ouvidos da entrada de água e xampu (CARTER, 2018 apud MENDONÇA, 2019). Outra forma de garantir o bem-estar é definir um local apropriado para o animal fazer as suas necessidades fisiológicas. Para os cães, caso seja escolhido um lugar dentro do ambiente doméstico, o local deve ser forrado com jornal ou tapete higiênico. Para gatos o local para deposição de dejetos pode ser uma caixa/bandeja plástica, contendo areia higiênica; a quantidade de caixas deve levar em conta o número de animais alojados no mesmo local. Ambos os locais devem ficar a uma certa distância do comedouro e bebedouro do animal (PRADA e MALDONADO, 2009 apud MENDONÇA, 2019).

A alimentação é uma das práticas de manejo mais importantes do proprietário de animais de companhia. O manejo nutricional é reconhecido como parte integrante do cuidado com a saúde do animal e deve ter como objetivo promover a qualidade de vida. Uma alimentação adequada é determinante na prevenção e no apoio ao tratamento de doenças. O acesso à comida e à água deve ser livre para todos os animais do ambiente (JERICÓ; KOGIKA; NETO, 2015 apud MENDONÇA, 2019).

É necessária a provisão de um espaço adequado para permitir que o animal desempenhe seus comportamentos naturais: as dimensões mínimas de um ambiente para cães e gatos devem permitir que um animal deite, fique de pé, gire, salte e tenha liberdade para executar todos os tipos normais de movimentos (FRASER *et al.*, 2009 apud MENDONÇA, 2019). Para que a segurança seja garantida, é importante que estejam protegidos contra riscos domésticos incluindo produtos químicos, pesticidas, materiais de limpeza, medicamentos e cabos elétricos. Além disso, algumas plantas e alimentos humanos podem ser tóxicos para os animais. Uma boa alternativa para distrair o animal é oferecer brinquedos apropriados com a espécie, idade e porte (SABBO; PINHEIRO, 2009 apud MENDONÇA, 2019). Seu local de descanso, fora ou dentro de casa, deve estar sempre limpo. Se o animal vive ou dorme em um ambiente externo, é importante que ele tenha uma área onde esteja assegurado seu conforto térmico (PRADA; MALDONADO, 2009 apud MENDONÇA, 2019).

Ainda é importante que o animal tenha um local só dele, onde se sinta seguro e confortável. O espaço destinado ao animal deve ser suficiente para uma distribuição adequada entre os locais de dormir, comer e brincar (MARQUES JUNIOR *et al.*, 2012 apud MENDONÇA, 2019). Outro ponto fundamental para a segurança é verificar se existem adaptações a serem feitas na casa, como escadas

íngremes, pisos escorregadios e janelas, pois representam riscos potenciais para animais de companhia (e pessoas) e devem ser corrigidos o máximo possível. No caso de apartamentos, é imprescindível instalar rede de proteção em todas as janelas para evitar quedas fatais (MURARO; ALVES, 2014 apud. MENDONÇA, 2019).

Embora bons proprietários estejam atentos sobre possíveis mudanças que podem ocorrer no seu cão ou gato, apenas um médico veterinário poderá avaliar objetivamente o animal e recomendar um programa para melhoria da saúde e do bem-estar, incluindo exames de rotina que monitoraram o surgimento de possíveis problemas, tudo isso irá contribuir para uma vida mais longa do animal (WEXLER-MITCHELL, 2004; ELLIS *et al.*, 2013 apud. MENDONÇA, 2019).

7. RESPONSABILIDADES DO MÉDICO VETERINÁRIO

Aponta-se que o Código de Ética do Médico Veterinário, autorizado pelo Conselho Federal de Medicina Veterinária, em 2017, visa o conceito do profissional, onde diz que “Esse profissional é o responsável por aplicar os conhecimentos científicos e técnicos em benefício da prevenção e cura de doenças animais” (SEVERO SANDRIN, 2022).

Segundo o artigo 1 do Código de ética profissional do médico veterinário, sendo esses os principais: Art. 1º Exercer a profissão com o máximo de zelo e o melhor de sua capacidade. Art. 2º Denunciar às autoridades competentes qualquer forma de agressão aos animais e ao meio ambiente. Art. 3º Empenhar-se para melhorar as condições de bem-estar, saúde animal, humana, ambiental, e os padrões de serviços médicos veterinários. Art. 4º No exercício profissional, usar procedimentos humanitários preservando o bem-estar animal evitando sofrimento e dor. Art. 5º Defender a dignidade profissional, quer seja por remuneração condigna, por respeito à legislação vigente ou por condições de trabalho compatíveis com o exercício ético profissional da Medicina Veterinária em relação ao seu aprimoramento científico (SEVERO SANDRIN, 2022).

Responsabilidade Subjetiva: Baseia-se na culpa do profissional quando causa dano ao paciente. Consequentemente, um profissional que age de forma negligência, imprudência ou imperícia na execução de seu trabalho é sujeito de responsabilidade subjetiva. A responsabilidade subjetiva do profissional decorre do cumprimento das obrigações do meio, pois o mesmo usa seu conhecimento para chegar a uma conclusão. **Responsabilidade Objetiva:** Essa responsabilidade está relacionada ao risco, que pode ser definido por lei ou atividade profissional. Tem a ver com as obrigações de

resultado que os Veterinários têm. Ele responde objetivamente quando um profissional lhe assegura que alcançará determinado resultado, quando abusa de seu poder, quando não desempenha suas funções de boa fé (SEVERO SANDRIN, 2022).

O veterinário deve orientar sua atuação profissional consciente diante de todas as normas e recomendações técnicas profissionais estabelecidas na literatura científica. Essas suposições reduzem a probabilidade de um veterinário ser sujeito a ações judiciais e, se isso acontecer, aumentam suas chances de sucesso (CRMV PR, 2008).

8. BEM-ESTAR ANIMAL, ÉTICA E LEIS

Segundo o Governo Federal (2022), a legislação brasileira de bem-estar animal iniciou-se com o Decreto nº 24.645 de julho de 1934, que estabelece medidas de proteção animal. Atualmente, a Constituição Federal de 1988, artigo nº225, dota o poder público de competência para proteger a fauna e a flora, vedando práticas que submetam os animais a crueldade.

Segundo o Governo Federal (2022), a Coordenação de Boas Práticas e Bem-estar Animal (CBPA) tem o objetivo de incentivar o desenvolvimento e o conhecimento técnico sobre o tema de modo a proporcionar o aprimoramento das legislações nacionais em conjunto com demais unidades do Ministério da Agricultura. Algumas das legislações já existentes que visam o bem-estar de animais de companhia:

- Resolução Nº 791/2020 CONTRAN – Dispõe sobre o transporte de animais de produção ou interesse econômico, esporte, lazer e exposição;
- Resolução Nº 1.236/2018 CFMV – Dispõe sobre conduta de profissionais quanto a diagnóstico e definição de maus tratos a animais vertebrados;
- Lei Nº 11.794, de 8 de outubro de 2008 – Estabelece procedimentos para uso científico de animais.

Em um estudo realizado por Almeida (2014), demonstra um baixo grau de conhecimento dos proprietários de cães e gatos em relação ao bem-estar (ALMEIDA *et al.*, 2013a) e à guarda responsável (ALMEIDA *et al.*, 2013b) destes animais, como a importância de oferecer água filtrada para prevenir doenças e infecções por microrganismos; fornecer brinquedos e espaço para prática de exercícios e brincadeiras; obrigatoriedade da vacinação contra raiva e do recolhimento dos dejetos de seus animais em vias públicas.

A negligência e a falta de conhecimento de muitos proprietários geram casos cada vez mais frequentes de maus tratos e abandono de animais de companhia, esses que podem diminuir através da realização de um trabalho de educação humanitária em comunidades e escolas, que valorize o respeito e a compaixão para com os animais, pessoas e meio ambiente (ALMEIDA *et al.*, 2014).

9. FORMAS DE MEDIR O BEM-ESTAR ANIMAL

O projeto (Welfare Quality) combinou análises de percepção e atitudes do consumidor com o conhecimento existente da ciência do bem-estar animal, identificando quatro princípios e 12 critérios que dever ser adequadamente cobertos nos sistemas de avaliação (KEELING; VEISSIER, 2005 apud. MANTECA, Xavier *et al.*, 2013).

TABELA 1. Princípios e critérios do sistema de avaliação de bem-estar animal do projeto Welfare Quality.

Princípios	Crítérios
1. Boa alimentação	1. Ausência de fome prolongada 2. Ausência de sede prolongada
2. Bom alojamento	3. Conforto em relação ao descanso 4. Conforto térmico 5. Facilidade de movimento
3. Boa Saúde	6. Ausência de lesões 7. Ausência de enfermidades 8. Ausência de dor causada por práticas de manejo
4. Comportamento adequado	9. Expressão de comportamento social adequado 10. Expressão adequada de outras condutas 11. Interação humano animal positiva 12. Estado emocional positivo

Fonte: Adaptado Keeling e Veissier (2005).

Os princípios básicos dos protocolos deste projeto seguiram uma versão modificada das cinco liberdades, agrupando-as em quatro princípios, nos quais mostradas acima: boa alimentação, bom alojamento, boa saúde e o comportamento adequado. (BOTREAU *et al.*, 2007. apud. MANTECA, Xavier *et al.*, 2013).

Em qualquer avaliação de bem-estar, é necessário levar em conta as variações individuais ao se enfrentar adversidades e nos efeitos que as adversidades exercem sobre os animais. (BROOM, 1987 apud. BROOM *et al.*, 2004).

TABELA 2. Parâmetros para mensuração de bem-estar.

Demonstração de uma variedade de comportamentos normais
Grau em que comportamentos fortemente preferidos podem ser apresentados
Indicadores fisiológicos de prazer Indicadores comportamentais de prazer
Expectativa de vida reduzida
Crescimento ou reprodução reduzidos
Danos corporais
Doença Imunossupressão
Tentativas fisiológicas de adaptação
Tentativas comportamentais de adaptação
Doenças comportamentais
Auto narcotização
Grau de aversão comportamental
Grau de supressão de comportamento normal
Grau de prevenção de processos fisiológicos normais e de desenvolvimento anatômico

Fonte: Adaptado de BROOM *et al.*, 2004.

10. BENEFÍCIOS DO BEM-ESTAR ANIMAL

Considerando que o bem-estar animal é uma área do conhecimento que tem objetivo o estudo, a identificação e o reconhecimento das necessidades de um animal, com vistas a sua mensuração e aplicabilidade. Ele estabelece o grau em que as necessidades físicas, fisiológicas, psicológicas, comportamentais, sociais e ambientais de um animal são obtidas. Isso inclui tanto a saúde física como também sua saúde mental e comportamental, suas interações sociais e sua adaptação ao meio ambiente. (KEELING *et al.*, 2011).

A maioria das definições abrange conceitos de bem-estar físico, mental e natural, pois o bem-estar também se refere à qualidade de vida do animal, o que envolve diversos elementos como saúde e felicidade, harmonia com o meio ambiente e a sua capacidade de adaptação sem sofrimento. (CALDERÓN MALDONADO & GARCIA, 2015; DUNCAN, 2005).

O estresse ocasionado pelo pouco espaço e sem estímulos sensoriais apropriados podem afetar a saúde, o comportamento e a qualidade de vida do animal. (MCMILLAN, 2005).

Considerando que o bem-estar natural, por sua vez, está relacionado com a finalidade biológica, com a vida natural do animal e com a oportunidade que tem de expressar seu comportamento natural. Conhecer o comportamento natural de cada espécie utilizada, portanto, é fundamental para suprir suas necessidades comportamentais. (BROOM & FRASER, 2007).

11. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando que os animais assim como os seres humanos, sentem dor, angústia, medo entre outros, cabe aos tutores à responsabilidade de mantê-los livres de qualquer sensação de desconforto, levando em conta o que o animal vai sentir ao tentar submetê-lo a determinadas práticas.

REFERÊNCIAS

- ACCO, A.; PACHALY, J.R.; BACILA, M. Síndrome do estresse me animais – revisão. **Arquivos de Ciências Veterinárias e Zoologia da UNIPAR**. p 71-76, 1999.
- ALMEIDA, J. F.; BARRETO, M. L.; ABREU, D. L. C.; PEREIRA, V. L. A.; NASCIMENTO, E. R. Grau de informação de proprietários de cães e gatos sobre bem-estar animal. **Enciclopédia Biosfera**, Centro Científico Conhecer, Goiânia, v. 9, n. 16, p. 1215- 1221, 2013a.
- ALMEIDA, J. F.; CAMPOS, L. S.; PEREIRA, V. L. A.; BARRETO, M. L.; NASCIMENTO, E. R. Grau de informação de proprietários de cães e gatos sobre guarda responsável. **Enciclopédia Biosfera**, Centro Científico Conhecer, Goiânia, v. 9, n. 16, p. 1222- 1229, 2013b.
- ALMEIDA, J. F.; PEDRO, D. A.; PEREIRA, V. L. A.; ABREU, D. L. C.; NASCIMENTO, A. R. Educação Humanitária para o Bem-estar de Animais de Companhia. **Enciclopédia Biosfera**, Centro Científico Conhecer, Goiânia, v. 10, n. 18, p. 1366- 1374, 2014.
- AMERICO, P. M. A. **Conhecimento de Médicos Veterinários de Pequenos Animais da Baixada Santista sobre Bem-Estar Animal**. Santos, p. 10, 2017.
- AVMA, **Responsible Pet Ownership Brochure**. Journal of the American Veterinary Medical Association. Schaumburg, IL, USA, 2012
- BENNETT, A.; HAYSEN, V. Measuring cortisol in hair and saliva from dogs: coat color and pigment differences. **Domestic Animal Endocrinology**. v. 39, n. 3, p. 171-180, out. 2010.
- BROOM, D.M; MOLENTO, C.F.M. **Bem-estar animal: conceito e questões relacionadas – revisão**. Archives of Veterinary Science. v.9, n.2, p.1-11, 2004.
- FERREIRA, S.A; SAMPAIO, I.B.M. **Relação homem-animal e bem-estar do cão domiciliado**. Archives of Veterinary Science. v.15, n.1, p.22-35, 2010
- Broom DM, Fraser A. Domestic animal behavior and welfare. 4a ed. UK: CABI International. 2007.

BUKOWSKI, J.A., AIELLO, S. **Routine Health Care of Dogs**. The Merck Manual Veterinary. 2013 Disponível em: <https://www.merckvetmanual.com/resourcespages/pet-health-overview> Acessado em: 04 de janeiro de 2019.

CARTER, M. **Gente como a gente?** Revista Cães&Gatos VETFOOD. N. 225, 2018.

DIVERIO, S.; BARBATO, O.; CAVALLINA, R.; GUELF, G.; LABONI, M.; ZASSO, R.; MARI, W.D.; SANTORO, M.M.; KNOWLES, T.G. A simulated avalanche search and rescue mission induces temporary physiological and behavioural changes in military dogs. **Physiology and Behavior**. v. 163, p. 193–202, 1 set. 2016.

ELLIS, S.L., RODAN, I., CARNEY, H.C., HEATH, S., ROCHLITZ, I., SHEARBURN, L.D., WESTROPP, J.L. **AAFP and ISFM feline environmental needs guidelines**. Journal of Feline Medicine and Surgery, 15(3), 219-230. 2013

FARACO, C.B. **Interação humano-animal**. Ciência veterinária nos trópicos, v. 11, p. 31-35, 2008.

FERREIRA, Mariany. **Estresse em Cães no Processo de Higienização em Pet Shop**. 2020. Dissertação, Universidade Estadual de Montes Claros – UNIMONTES, Janaúba – MG, agosto de 2020.

FERNANDES, M.E. **Avaliação do bem estar dos cães farejadores da Polícia Militar do Estado de São Paulo mensurados pelas dosagens de cortisol salivar no descanso e após o trabalho**. 2020. Tese (Pós-Graduação em Anatomia dos Animais Domésticos e Silvestres) - Faculdade de Medicina Veterinária e Zootecnia da Universidade de São Paulo, São Paulo.

FRASER, D., KHARB, R.M., MCCRINDLE, C., MENCH, J., COSTA, M.P., PROMCHAN, K., SONG, W. **Capacitação para implementar boas práticas de bemestar animal**. Relatório do Encontro de Especialistas da FAO Sede Mundial da FAO (Roma), v. 30, 2009

FREITAS, G.C.; PASSOS, A.C.B.T.; SOUSA, B.B.; DINIZ, R.R.F.; BRINGEL, K.E.M.; SOUZA, P.M.; SOUZA, S.N. Avaliação de parâmetros clínicos de gatos durante atendimento na Clínica Veterinária Universitária – UFT, Araguaína. **Revista PUBVET**. Araguaína, v. 14, n. 7, p. 1-7, jul. 2020.

JERICÓ, M.M., KOGIKA, M.M, NETO, J.P.A. **Tratado de medicina interna de cães e gatos**. 1. Ed. - Rio de Janeiro: Roca, 2015.

Keeling LJ, Rushen J, Duncan IJH. Understanding animal welfare. In: Appleby MC, Mench JA, Olsson IAS, Hughes BO. Animal Welfare. 2nd ed. Wallingford:Cabi, 2011. cap. 2.

Legislação. CRMV PR. 2008. Disponível em: <https://www.crmv-pr.org.br/artigosView/53_Responsabilidade-Civil-do-Medico-Veterinario.html>

Legislação. SEVERO SANDRIN. 2022. Disponível em: <<https://severosandrin.com/responsabilidade-civil-do-medico-veterinario/>>

Legislação. Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento, 2022. Disponível em: < <https://www.gov.br/agricultura/pt-br/assuntos/producao-animal/boas-praticas-de-producaoanimal/legislacao> >.

LIMA, A.F.M.; LUNA, S.P.L. **Algumas causas e consequências da superpopulação canina e felina: acaso ou descaso?** Revista de educação continuada em medicina veterinária e zootecnia do CRMV-SP, v. 10, n. 1, p. 32-38, 2012.

LITTLE, S. E. O Gato: Medicina Interna. Rio de Janeiro: Editora Roca, 2016.

MACHADO, L. L. M. **Alterações comportamentais e fisiológicas em cães detectores de drogas e explosivos após confinamento em caixas de transporte: influências do estresse no desempenho.** 2013. Dissertação (Mestrado)- Instituto de Psicologia, Universidade de Brasília, Brasília.

MANTECA, Xavier, et al. Bem-estar animal: conceitos e formas práticas de avaliação dos sistemas de produção de suínos. *Semina: Ciências Agrárias*, 2013, 34.2: 4213-4229.

MARQUES JUNIOR, A.D.P.; HEINEMANN, M.B.; GARCIA, S.K.; DRUMOND, A.M.L. **Bem-estar em cães e gatos.** CADERNOS TÉCNICOS DE VETERINÁRIA E ZOOTECNIA, n. 67, p. 42-50, 2012.

MCMILLAN, F. D. Mental health and well-being in animals. Boston: **Blackwell Publishing**, 2005.

Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA). **Cartilha Mitos e Verdades Mundo Pet**, 2017 Disponível em: <http://www.agricultura.gov.br/assuntos/camarassetoriaisematicas/documentos/camaras-setoriais/animais-e-estimacao/anosanteriores/cartilha-mitos-everdades-mundo-pet/view> Acesso em: 04 de janeiro de 2019

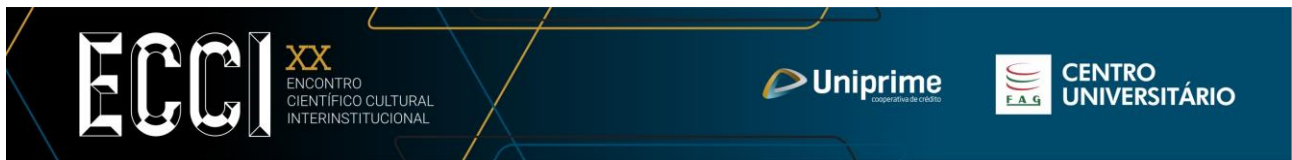
MURARO, C.C.; ALVES, D.N. **Maus tratos de cães e gatos em ambiente urbano, defesa e proteção aos animais.** Âmbito Jurídico, Rio Grande, XVII, n. 122, 2014.

ORSINI, H.; BONDAN, E.F. Fisiopatologia do estresse em animais selvagens em cativeiro e suas implicações no comportamento e bem-estar animal – revisão da literatura. **Revista do Instituto de Ciência da Saúde.** São Paulo, v.25, n. 1, p. 7-14, março. 2006.

PRADA, F., MALDONADO, A.C. **Programa de controle de populações de cães e gatos do estado de São Paulo.** Boletim Epidemiológico Paulista, v. 6 p.115. 2009.

SANTANA, L.R.; OLIVEIRA, T.P. **Guarda responsável e dignidade dos animais.** Revista Brasileira de Direito Animal, v. 1, n. 1, p. 67-105, 2006.

SOUZA, Carla Caroline. **Respostas autonômicas e comportamentais ao estresse sonoro agudo em cães de companhia com histórico de fobia a sons de trovão e/ou fogos de Artifício.** 2015.



Dissertação, Instituto De Biologia Programa De Pós-Graduação Em Ciências Fisiológicas – UFRRJ, Seropédica – RJ, fevereiro de 2015.

Mendonça, Andréia T. A. **Bem-estar animal: conceitos, importância e aplicabilidade para animais de companhia e de produção.** Universidade Federal Rural da Amazônia, Belém, 2019

WEXLER-MITCHELL, E. **Guide to a healthy cat.** Howell Book House, 2004.